

# UEL e Universidade de Coimbra firmam projeto inédito

Projeto é único aprovado na área e no Paraná. Coordenador português do projeto esteve na UEL para uma série de atividades acadêmicas

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

O professor Lúcio Cunha, do Departamento de Geografia e Turismo da Universidade de Coimbra, esteve na UEL em abril para uma série de atividades acadêmicas, a convite do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEL. Cunha, que também é coordenador do Grupo Dinâmicas da Natureza e Meio Ambiente do Centro de Estudos em Geografia e Planejamento Espacial, em Coimbra, foi membro de bancas de avaliação na Pós, ministrou aulas, participou de trabalhos de campo e se reuniu com professores da Pós.

O professor Cunha é o coordenador português do projeto FCT/CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). A FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) é uma agência pública nacional portuguesa de apoio à investigação em ciência, tecnologia e inovação, em todas as áreas do conhecimento. Ela existe há 20 anos e, no ano passado, lançou um edital para apoio a 10 projetos a serem desenvolvidos no biênio 2018-2019, fornecendo recursos para a mobilidade de pesquisadores. Dos 10 aprovados, somente um é do Paraná e somente um é da área de Geografia: o projeto "Paisagem e Território", ligado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEL.

De acordo com o coordenador do projeto "Paisagem e Território", professor Humberto Yamaki (Departamento de Arquitetura e Urbanismo), é um tema amplo e plural, que será desenvolvido por seis professores da UEL, todos do Programa de Pós-Graduação em Geografia, de forma interdisciplinar, envolvendo Arquitetura, Geografia, Geologia e Agronomia. A equipe portuguesa contará com sete professores da Universidade de Coimbra, também de várias áreas.

Yamaki informou que trabalha com a recriação e revitalização de locais atingidos por uma catástrofe. Este é apenas um dos miniprojetos que serão desenvolvidos, pois a ideia é que cada professor desenvolva os seus, dentro de



"O conceito de risco está ligado ao da incerteza", afirma o professor Lúcio Cunha

suas linhas de pesquisa.

Para a professora Ideni Terezinha Antonello (Departamento de Geociências), vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia, a interdisciplinaridade é um dos pontos altos do projeto binacional. Outro é a possibilidade de intercâmbio entre a UEL e a Universidade de Coimbra, em mão dupla, pois tanto os pesquisadores portugueses virão ao Brasil, quanto os brasileiros irão para lá. Bolsas de Pós-Doutorado e Doutorado Sanduíche estão incluídas no projeto aprovado.

Já o coordenador da Pós, professor Pedro Vendrame (Departamento de Geociências), enfatizou que este convênio contribui muito com a internacionalização do Programa, o que tem sido uma exigência da CAPES para elevar ou manter uma nota alta na avaliação. "Em todos os sentidos, fortalece a Pós", salienta o professor.

De seu lado, o professor Lúcio Cunha também destaca o caráter interdisciplinar do projeto como fator principal de sucesso da proposta, assim como o fato de que os pesquisadores da UEL e de Coimbra já se conheciam, o que facilitou a comunicação entre as instituições.

**Desastres** – Lúcio Cunha é um pesquisador da Geomorfologia, um ramo da Geologia que estuda os relevos e sua evolução. Mais

especificamente, estuda as relações entre a Natureza e as sociedades humanas, particularmente nas interações que envolvem riscos de desastres e os impactos deles derivados. "A Ciência do Risco é muito geográfica", observa o professor. Porém, não se restringe à Geografia. Fatores científicos e políticos contribuem, porque os desastres afetam não só os territórios, mas as pessoas, a economia, os patrimônios públicos e privados.

Entende-se como risco a probabilidade da ocorrência de fenômenos perigosos e danosos, com maior ou menor grau de perturbação, resultados de processos naturais ou intervenção humana, e que afetam as paisagens e as sociedades humanas. O impacto na sociedade sem dúvida é valorizado, pois um vulcão que entra em erupção numa ilha deserta aparentemente não oferece risco algum. Mas não necessariamente é assim, afinal, os sistemas ecológicos do planeta atuam entre si. Daí o interesse global no tema.

Vários elementos interferem no grau do risco de desastres: periculosidade, probabilidade, eventualidade, susceptibilidade e vulnerabilidade (de pessoas e bens). Uma questão que surge é se as pessoas colocam a si mesmas em condição vulnerável, por ocuparem

áreas de risco. Para o professor, isso pode acontecer por ignorância, por confiança de que nada de ruim ocorrerá, falta de opção, mas também porque podem ser incentivadas a isto. Ele cita um caso em Coimbra, onde a construção de uma barragem gerou uma falsa sensação de segurança, e o poder público construiu casas e incentivou a ocupação de determinada área. A região foi se urbanizando, mas depois vieram as cheias. "Não há áreas de risco zero, assim como não há as de risco absoluto", sentencia Cunha.

**Ações humanas** – A intervenção humana tem alcance limitado, na avaliação do professor português. E lembra de um dito popular de pescadores de Portugal: "O mar não é ladrão. Ele só leva o que é dele". Ou seja, é preciso conhecer e respeitar as dinâmicas da Natureza. "Para preservar, é preciso entender os riscos, que afetam a alma e o bolso", brinca.

Segundo ele, as ações humanas não geram os grandes cataclismos, mas é possível aprender muito, inclusive sobre eles, com os pequenos eventos. "Devemos fazer isso, pois eles são mais fáceis de entender, e com eles criar teorias e práticas, mudar mentalidades e fazer uma educação ambiental formal e informal", afirma. Aí entram as universidades e os especialistas técnicos governamentais, entre outros agentes, capazes de orientar o uso racional dos recursos naturais, que são finitos, e reduzir os riscos de desastres.

O professor enfatiza que não existe grau de previsibilidade absoluto dos desastres. Toda previsão se baseia em "onde" e "quando". Cunha observa que o "onde" é fácil, pois se conhece as condições geográficas de cada local. Mas o "quando" é diferente. Portanto, sabe-se que tal lugar sofrerá um desastre, mas não exatamente quando, especialmente se depende de condições atmosféricas. Como dados meteorológicos possuem valor econômico, existe um interesse em fazer previsões, mas elas nunca serão absolutas. "O conceito de risco está ligado ao da incerteza", sintetiza o professor.